



DIA DO MUNICÍPIO

Suplemento

Edição de setembro de 2016

Distribuição Gratuita

www.correiodefaro.pt



ENTREVISTA COM O PRESIDENTE DA CÂMARA DR. ROGÉRIO BACALHAU

“...com os dinheiros públicos devemos ser ainda mais escrupulosos. Endividar hoje significa não ter condições de pagar amanhã e não ter capacidade de resposta para os problemas do futuro.”

O Presidente da Câmara abre o livro do seu mandato ao Correio de Faro e deixa as linhas mestras do que poderá ser o futuro do nosso concelho.

Prestes a cumprir 3 anos, como resume o seu mandato?

Divido este mandato em duas metades. Uma primeira em que tivemos a preocupação de recuperar as finanças e a credibilidade da câmara; e uma segunda, em que começamos a atuar decisivamente na melhoria do território.

Começamos pela primeira. Tem valido a pena o sacrifício?

Creio que não há dúvidas. Nos últimos anos diminuímos a dívida total em cerca de 40% e hoje somos um parceiro credível junto dos outros agentes económicos, que sabem que pagamos tudo a tempo e horas. Efetivamente temos tudo em dia. Não deixamos nada para depois. Só isso, já é uma diferença colossal em relação ao que se fazia.

Pagar a tempo e horas não é uma obrigação de todos? O que faz disso uma conquista digna de ser assinalada?

Durante muitos anos, os autarcas (aqui e em outros lugares), não tinham essa prática. O que queriam era deixar obra feita que pudesse ser apreciada pelos munícipes, mesmo que para isso tivessem que ficar a dever somas astronómicas. As autarquias acabaram por se endividar demasiado para levar a cabo investimentos nem sempre reprodutivos. Em Faro foi também o que aconteceu e o colapso foi inevitável.

Muitos consideram que esta é uma política míope, que pouco mais vê do que a frieza dos extratos bancários, dos indicadores de eficiência e dos procedimentos internos.

Não concordo. Devemos fazer sempre boas contas. Se é assim que fazemos na nossa vida pessoal, porque havemos de fazer diferente na câmara? Pelo contrário, com os dinheiros públicos devemos ser ainda mais escrupulosos. Endividar hoje significa não ter condições de pagar amanhã e não ter capacidade de resposta para os problemas do futuro. Foi isso que aconteceu em Faro nos últimos anos e que tanto custou a corrigir. Hoje, felizmente, já temos alguma autonomia e capacidade de investimento.

Vamos então à segunda metade do mandato. Quais os aspetos mais relevantes?

Destacaria a recuperação da rede viária de todo o concelho, na qual ninguém tocava há mais de dez anos, a requalificação da baixa e centro histórico e o aumento considerável da notoriedade do concelho.

As “boas contas” possibilitaram a revisão orçamental aprovada, que vai permitir um investimento considerável no concelho. É assim?

Efetivamente, há um reforço de mais de 4 milhões de euros, provenientes das contas de 2015, para investir em diversas áreas. Queremos continuar a apostar na melhoria da rede viária e equipamentos públicos, na recuperação do parque escolar e desportivo e na dinamização do nosso comércio. Ao mesmo tempo redobrámos os apoios ao associativismo e às juntas de freguesia. Essencialmente, o que estamos a fazer é investir nos munícipes o fruto do seu esforço.

O programa Faro Requalifica vai continuar?

Neste exercício e no de 2017 temos uma verba de cerca de dois milhões, consensualizada com todas as forças partidárias, para investimento na rede viária. Vamos assim dar continuidade ao que se fez no programa Faro Requalifica, em que reabilitámos vias fundamentais da cidade como a Rua Serpa Pinto, a José de Matos ou a Rua da Alfândega. Recuperámos também as principais artérias em todas as freguesias. Para um concelho que esteve mais de dez anos sem fazer qualquer empreitada relevante de betuminoso, penso que foi um bom princípio.

O que se segue?

Estamos já a lançar os procedimentos de algumas intervenções do segundo Faro Requalifica. A verba a alocar será mais do dobro da que investimos no primeiro programa. **Entre outras, iremos proceder à requalificação das principais entradas da cidade, toda a Av. Cidade Hayward e a Av. Dr. Gordinho Moreira. Vamos também proceder ao arranjo da Av. 5 de Outubro, melhorando a circulação de automóveis e peões.** Neste plano continuaremos também preocupados com as freguesias que tão martirizadas foram ao longo dos últimos anos, nomeadamente arruamentos de Montenegro, Estoi e Gorjões.

Ainda assim há quem afirme que Faro é “apenas” uma cidade de festas e de espetáculos.

Os eventos em que apostámos têm tido um papel crucial na estratégia que definimos de valorização do território e de afirmação turística do concelho. Para além disto os eventos trazem um crescimento do sentimento de orgulho e da autoestima dos farenses em relação à sua cidade. Hoje podemos afirmar, sem complexos, que Faro é uma cidade viva e atrativa.

Esta aposta é então para continuar?

Sim, na medida em que tanto o *Festival F*, como o *Alameda Beer Fest*, ou como todos os outros eventos em cuja organização nos empenhamos, resultam em retornos importantes para o concelho sem constranger o Município. Todos os eventos do município se pagam a si próprios e trazem retorno económico ao concelho.

Nestes últimos anos assistimos a uma recuperação assinalável do quadro económico e comercial do concelho. De quem é a responsabilidade?

Essencialmente dos empresários e dos comerciantes, que fizeram investimentos acertados em boas lojas, unidades hoteleiras inovadoras e res-

tauração de muita qualidade. O crescimento económico e social não resulta do investimento público direto. Resulta sim da capacidade e da confiança da iniciativa privada.

Mas o arranjo da Baixa é o resultado de investimento público...

De acordo, mas essa é a responsabilidade das autarquias. Melhorar o espaço público, criando condições para que os privados invistam com confiança.

Foi assim com o projecto das telas de ensombramento que foram colocadas nas ruas pedonais da Baixa?

Esse é um feliz exemplo de uma boa capacidade de entendimento entre o setor privado e o município. A nossa preocupação tem sido ouvir os comerciantes e empresas, realizando intervenções consensualizadas e adequadas às necessidades do dia-a-dia. A baixa é um ponto da cidade muito valorizado e todo o investimento que ali se realiza tem um efeito de alastramento às outras áreas da cidade. A partir daqui a alavanca está acionada. Têm a palavra os empresários e os consumidores.

O que está a autarquia a fazer para promover o crescimento económico e empresarial nas outras áreas do concelho?

RB- As regras que estamos a criar estão a preparar Faro para o investimento das próximas décadas e, todas as zonas do concelho. O Plano Diretor Municipal (PDM) é o documento que define o modelo territorial para os próximos dez anos, de acordo com a nova legislação em vigor e com as expectativas dos cidadãos. O atual PDM tem 20 anos e Faro não pode crescer à luz de um plano tão antigo. O crescimento que queremos para a próxima década deve ter respeito pelo meio-ambiente, com qualidade urbanística, espaços verdes, boa mobilidade, o apelo do mar e zonas de lazer. Temos os planos de urbanização do Areal Gordo, Bom João e Lejana e estamos na linha frente entre todas as cidades médias deste país, no que diz respeito às nossas áreas de reabilitação urbana e à forma como trabalhamos o nosso melhor património.

Que se antecipa para o Bom João?

O Bom João é central nesta estratégia de crescimento. Todos reconhecem o potencial desta zona pela litoralidade. Gostaríamos no futuro de ali ter um porto de recreio e de conseguir toda a requalificação do cais comercial. Nesse sentido, devemos antecipar a adaptação da cidade a toda esta dinâmica. E queremos fazê-lo desde já.

Que papel joga o litoral na estratégia?

Um papel fulcral. Infelizmente, hoje há uma enorme diferença de qualidade entre a imagem que o centro da cidade oferece e a que é projetada pela zona ribeirinha. Por exemplo, o estado de degradação da doca exige que as entidades que gerem o litoral atuem já. Todos vêm os barcos em doca seca, o lixo acumulado, os muros da doca cheios de fissuras e as infiltrações de água nas artérias circundantes...

Essa responsabilidade não é da Câmara?

Não. Essa responsabilidade é da Docapesca que é a entidade pública que faz a gestão das docas e marinas. Nós temos feito chegar à Docapesca a nossa insatisfação. A resposta é sempre a mesma: “a doca velha será intervencionada quando se efetuarem os trabalhos da marina exterior”. O problema é que nós não podemos esperar por circunstâncias que não dominamos. Enquanto esperamos, o que se verifica é uma cidade a crescer a duas velocidades: no casco urbano verifica-se um desenvolvimento assinalável, reconhecido por todos; no litoral continua a degradação e o abandono. Por isso, os farenses exigem e com razão, que a Docapesca atue já, independentemente da configuração de projetos futuros; que a Sr.^a Ministra do Mar e a Administração dos Portos de Sines e Algarve não deixam o porto morrer. **Gerir o litoral não é demolir, é criar condições para estes se assumirem como verdadeiras mais valias.**

O caminho-de-ferro continua a ser um constrangimento?

Em certa medida sim, mas não serve de desculpa para tudo. Posso adiantar-lhe que o Plano de Mobilidade e Transportes (PMT), que estamos a preparar juntamente com o novo Plano Diretor Municipal (PDM), prevê uma solução possível para a linha do Caminho-de-ferro. Com o plano concluído, iremos exigir junto das Infraestruturas de Portugal as necessárias intervenções.

O PMT está já finalizado?

Falta pouco. Concluímos mais uma fase de recolha dos contributos dos munícipes. Agora estamos a preparar um documento final que será debatido nas sedes próprias. A mobilidade é um ponto crucial para o desenvolvimento do concelho. Não só a rodoviária, como a ferroviária, a marítima e também os chamados modos suaves – peões e veículos não motorizados. Queremos o concelho moderno, móvel e sustentável.

O que pode antecipar?

O plano é conjunto e não pode ser lido parcialmente. Posso dizer-lhe que há duas intervenções essenciais que serão antecipadas por força do PMT. **A criação de uma rotunda no cruzamento entre a Av. Gulbenkian e a EN2 [Estrada de S. Brás] e o desenvolvimento da rede de ciclovias, através dos trajetos Faro Olhão e Faro/Aeroporto.**



“A criação do conceito de Cidade Ribeirinha, através da requalificação de todo o litoral, do Bom João até ao Montenegro, com a colaboração de todos os intervenientes.”

Um plano que enquadra também a nova variante, que abriu durante este mandato.

Sim. Felizmente as pessoas já nem se lembram de como era circular em Faro sem a Variante. Mas eu lembro-me bem do que penámos para que se verificasse o recomeço efetivo das obras que haviam ficado interrompidas no dia 24 de março de 2012. Foram longos os 903 dias de impasse, mas a variante está hoje ao serviço de todos. Só falta a ligação à A22.

O novo acesso à Praia de Faro também é já uma realidade.

Sim, mas será sempre um acesso incompleto enquanto a atual ponte continuar ao serviço. Recordo que esta ponte tem 60 anos e é o único meio de acesso rodoviário à Ilha de Faro. Os estrangulamentos são evidentes.

Continua a defender o projeto da nova ponte para a Ilha?

Claro. Nesse sentido, já cumprimos com a nossa obrigação de financiar 30% da verba necessária. Falta a POLIS e o governo cumprirem com a sua parte.

Que diz aos que afirmam que a nova ponte tem apenas uma faixa de circulação e que, por conseguinte, não resolve nenhum estrangulamento?

Quando o debate resvala para a politiquice e para a demagogia, devemos recorrer à matemática para compreendermos os factos. E os factos são simples. O tabuleiro atual tem 4,70m de largura e apresenta uma faixa de rodagem de 2,70m de largura; o novo projecto prevê um tabuleiro com 11,5 metros de largura...

Mas só prevê uma faixa para automóveis...

Esse é o espaço que temos disponível. Veremos depois como o poderemos utilizar e quais as melhores soluções para a sinalização horizontal. **O que é importante é que as pessoas saibam que a atual ponte tem 60 anos e que recebeu a última reforma importante há cerca de 20, que tem custos de manutenção elevados e que no futuro apresentará questões sérias de segurança.** Em contraponto, a nova ponte é muito mais larga e funcional, é ambientalmente correta e definidora de uma melhor paisagem. Tem projeto e financiamento definidos. Penso que estes são os factos que devemos discutir e estou à vontade pois não participei na definição do projeto, que agora está pronto a executar.

Como é presidir uma câmara sem maioria na vereação?

Trabalho com qualquer força partidária desde que haja lealdade no processo. Esta é, ainda assim, uma experiência diferente. Lembro que nem as competências administrativas foram delegadas nos nossos vereadores. Assim, uma simples transferência de uma licença de táxi de uma viatura para outra, é matéria que tem que vir à Reunião de Câmara pública semanal, que acaba por ter ordens do dia demasiado extensas.

Isto não diminui a velocidade da resposta do Município?

Diria que se perdeu em flexibilização e capacidade de resposta aos problemas imediatos, mas ganhou-se em diálogo. São contingências ditadas pelo eleitorado, que é soberano. Devemos respeitar e fazer tudo para que no futuro os nossos argumentos possam vingar de uma forma mais conclusiva.

Tomaria decisões diferentes se estivesse em maioria na Câmara?

Sim. Por exemplo, o abatimento de prestações do PAEL, que nos foi indicado como condição de viabilização da revisão orçamental, é algo que neste momento eu não faria se estivesse com maioria absoluta. Porque parte do pressuposto errado que ela possibilitará a descida dos impostos. Ora o IMI encontra-se na taxa máxima por força do plano de reequilíbrio financeiro implementado em 2010 e não por culpa do PAEL. É pena, porque é cerca de 1 milhão de euros que podiam servir para investir no concelho.

Quais os grandes projetos que este executivo apresenta para o médio prazo?

Temos três desígnios fundamentais. O primeiro é a Capital Europeia da Cultura 2027, que se enquadra numa estratégia de afirmação da região e dos seus agentes culturais.

E quais os outros?

A criação do conceito de Cidade Ribeirinha, através da requalificação de todo o litoral, do Bom João até ao Montenegro, com a colaboração de todos os intervenientes.

E o terceiro?

A requalificação da zona Baixa da Cidade, entre o Teatro das Figuras e o Largo de São Francisco.

O que espera que fique da sua passagem pela Câmara?

A assunção de que Faro tem futuro e a certeza que o Município perdurará pelos anos fora, muito depois de nos termos ido embora.



O que se passa com os espaços verdes do concelho? Porque tem a Câmara tantas dificuldades em assegurar a sua manutenção?

Não o escondemos. A manutenção dos espaços verdes da cidade caiu-nos no regaço em Agosto de 2013, por decisão de Tribunal de Contas. Com as restrições do reequilíbrio financeiro decretado em 2010, a câmara não pôde aumentar o seu efetivo de pessoal nem apetrechar o serviço com maquinaria e equipamentos adequados. Assim, estamos com 12 funcionários e material obsoleto a tratar das necessidades de todo o território afecto à Freguesia da Sé e São Pedro – as outras juntas de freguesia aceitaram as competências delegadas pela câmara nesta matéria. Claro que nos períodos em que há mais férias e baixas, os problemas se acentuam.

O que pretende fazer?

O nosso plano é simples e foi aprovado em Câmara e Assembleia Municipal. Fizemos uma revisão orçamental que nos vai permitir concessionar esta prestação a empresas especializadas. Até à abertura desse concurso, que tem trâmites legais e burocráticos pesados, estamos a preparar um plano de salvaguarda que nos vai permitir atuar já nos pontos mais sensíveis.



Que se passa com as fontes da cidade?

As pessoas pensam que se liga uma torneira e as fontes ficam a funcionar. Não é assim. Há maquinaria que tem que ser substituída e isso importa um investimento considerável. A fonte do Largo de S. Francisco exige um arranjo de cerca 100 mil euros e nada nos garante que não volte a avariar porque está em zona de cheias; depois há a Fonte do Pé da Cruz, que é muito antiga e pede um trabalho de restauro minucioso; e a do Teatro das Figuras apresenta questões de conceção; e ainda há todas as outras, com os seus problemas próprios.

O que podem os farenses esperar nesta matéria?

Para já, estamos a contratualizar restauro da Fonte do Pé da Cruz, procurando recriar as suas características originais. Depois vamos actuando passo a passo na resolução das outras situações.





FUNCIONÁRIOS HOMENAGEADOS

O Dia do Município foi celebrado no passado dia 7 de setembro com a habitual cerimónia solene, marcada com a homenagem aos funcionários mais antigos, reafirmando o compromisso da cidade com os trabalhadores.

É uma forma de agradecimento e de reconhecimento, distinguir os colaboradores em função dos anos de dedicação e de bons serviços. No Município de Faro, esta situação está consagrada no Regulamento das Distinções Honoríficas. Este ano, foram atribuídas, no dia 7 de setembro, as Medalhas de Bons Serviços e Dedicação aos seguintes funcionários:

Grau cobre – com 20 anos completos de serviço efetivo:

- Alfredo da Palma Horta Fernandes
- António Manuel Nunes Dias
- Carlos José Delfino Barbeiro
- Filipe Manuel Teodoro Pinto
- Francisco António Monte Trigo Florindo
- Jessy Cerqueira da Silva
- Maria Alexandra da Silva C. C. Brito da Mana
- Vítor Manuel Seita Romero Monteiro

Grau prata – com 35 anos completos de serviço efetivo:

- Francisco José Domingos
- Horácio Luís Amador Bento
- João Manuel Dias Nascimento
- Nídia Maria Rosa Custódio Pinto Afonso
- Vítor Firmo Santos Sousa





A sessão solene do Dia do Município foi também assinalada com as distinções honoríficas às individualidades e coletividades que contribuíram para o engrandecimento e dignificação do Município. Em 2016, receberam as MEDALHAS DE MÉRITO, grau ouro, as seguintes entidades/individualidades:

COMPANHIA DE DANÇA DO ALGARVE

A Companhia de Dança do Algarve deu os primeiros passos no início de 2002. Desde a sua criação, conta com múltiplas apresentações em território nacional e realizou, com grande sucesso, uma digressão na Rússia, em 2003-2004, tendo já atuado noutros países europeus como Alemanha, França, Espanha, Polónia, Bélgica e Itália. A Companhia de Dança do Algarve, que conta com a direção artística do corógrafo Evgueni Beliaev, alcançou três medalhas de ouro na Dance World Cup 2015, realizada na Roménia.



EDUARDO PINTO VIEGAS

Um dos mais importantes empresários do concelho dos últimos 50 anos, Eduardo Viegas desenvolveu uma longa e profícua atividade empresarial, sobretudo na construção civil, área onde criou um dos mais importantes grupos empresariais da região, que emprega cerca de 150 profissionais. Com o dinamismo e a simplicidade de sempre, continua à frente do império familiar que construiu, devotando às empresas, aos seus trabalhadores, à sua família e à comunidade toda a atenção.



FERNANDA CINTURÃO PACHECO PIRES

Enfermeira aposentada do Departamento de Psiquiatria do Centro Hospitalar do Algarve, é Presidente da Direção da ASMAL.

Em 1991, sentindo a falta de estruturas de apoio e integração de jovens e adultos com problemas de saúde mental na região algarvia, participou na criação desta associação, integrando desde logo os seus órgãos dirigentes.

Na atualidade, os seus interesses continuam focados na esfera da Reabilitação em Saúde Mental e na defesa do Património Cultural. É um exemplo de força e humanismo que o Município reconhece com gosto.



ISAURINDO COELHO CHORONDO

Isaurindo Coelho Chorondo é gerente das reconhecidas empresas “Chorondo & Filhos Lda.” e “A Industrial Fareense Lda.”, que se dedicam à transformação de alfarroba.

Administrador da Caixa de Crédito Agrícola Mútuo do Algarve e vice-presidente da Associação de Trituradores de Alfarroba, representa ainda diversas associações a nível regional, nomeadamente a NERA, a AIDA e a AGRUPA. É um exemplo de empreendedorismo e de criação de valor no tecido económico e social do concelho.



LUDGERO DOS SANTOS SEQUEIRA

O professor Ludgero Sequeira fundou a Escola Superior de Gestão, Hotelaria e Turismo da Universidade do Algarve, onde foi presidente do Conselho Diretivo durante 14 anos. Durante os 30 anos de serviço prestado à Universidade, não só exerceu a docência e a formação ministrada a milhares de jovens e adultos, como foi angariador e orientador de centenas de estágios. Foi ainda impulsionador da criação da Delegação de Faro da Associação dos Deficientes das Forças Armadas, em 1977. Para além do seu percurso enquanto professor e dirigente associativo, tem um importante trajeto de intervenção pública e cívica.



LURDES BAETA

A jornalista Lurdes Baeta entrou para a TVI em 1993, para ser documentalista do programa Artur Albarran. Nos anos seguintes ingressou na redação onde exerceu, durante 8 anos, a função de repórter. Em 2001 começou a apresentar o Jornal Nacional e o Jornal da Uma. Em 2010 iniciou funções também como coordenadora de jornais na TVI24 e na TVI.

Ao longo dos seus quase 23 anos de carreira, já fez reportagens e diretos de várias partes do mundo como Macau, Brasil, Espanha, França, Reino Unido, entre outros. No presente ano, foi eleita a jornalista do ano pela revista LUX.



MANUEL CÉLIO CONCEIÇÃO

Manuel Célio Conceição, doutor em Linguística, professor e investigador da Universidade do Algarve, é também investigador do Centro de Linguística da Universidade Nova de Lisboa e colaborador do Centro de Investigação em Artes e Comunicação. Exerceu e exerce várias funções de direção na Universidade do Algarve, é presidente do Conseil Européen pour les Langues e vice-presidente da Rede Lexicologie, Terminologie e Traduction.

Tem participado em vários projetos nacionais e internacionais de docência, de extensão e de investigação relativos à definição e promoção de políticas de línguas que promovam a diversidade e a verbalização própria das culturas. Entre diversas outras distinções, destaca-se a condecoração com as insígnias de “Chevalier de l’Ordre des Arts et des Lettres”, atribuída pelo Governo Francês em Outubro de 2013. Trata-se de uma das principais distinções honoríficas em França.



MANUEL EURICO SANTOS MESTRE

Manuel Eurico Santos Mestre é o presidente do Clube de Surf de Faro desde a sua fundação.

Instrutor de Surf, Bodyboard, Longboard e instrutor de Ninjutsu, foi campeão do circuito intersócios nas categorias de Longboard e Surf, tricampeão do circuito de surf do sul categoria de longboard e bicampeão nacional de clubes. Foi vice-campeão do circuito nacional de longboard, por 3 vezes, esteve 18 anos no Top 5 nacional de Longboard; teve 7 presenças na seleção da Europa de longboard; foi campeão europeu por seleções e esteve no top 44 do circuito mundial de longboard. “Necas”, como é conhecido entre os amigos, foi um dos pioneiros do Surf no Algarve. Tem uma larga experiência como treinador e desempenhou cargos de direção e coordenação de inúmeros eventos e provas, sempre com sucesso.



RUI MACHADO

Rui Machado tornou-se, em 2011, o tenista português com melhor ranking ATP de sempre (59.º). Foram oito os títulos no circuito Challenger, contando-se também dez presenças no quadro principal de torneios do Grand Slam, com a segunda ronda do Open dos Estados Unidos de 2008 e de Roland Garros de 2009 a figurarem como melhores resultados. Foi ainda chamado em 28 ocasiões à seleção portuguesa da Taça Davis e foi quatro vezes campeão nacional.

Verdadeiro motor da seleção portuguesa em variadíssimas ocasiões, Rui Machado transcendia-se a jogar por e em Portugal. Após 15 anos de dedicação exclusiva ao ténis, colocou este ano um ponto final na sua carreira internacional. Destacou-se também pela forma simples e cordata de estar na competição e na vida.



APRESENTAÇÃO DO LIVRO DE MEMÓRIAS DE NEGRÃO BELO



Integrada nas Comemorações do Dia do Município decorreu no dia 7 de setembro, no Museu Municipal, a apresentação do livro do professor João Negrão Belo “Um caráter saudavelmente rebelde”.

O livro de memórias é autobiográfico e, antes da sessão de autógrafos, foram homenageados pelo autor três figuras eminentes da cidade:

O antigo reitor do liceu nacional de Faro, Dr. José Ascenso, o Arqt. Beato de Oliveira e o Eng. Marciano Nobre.

EXPOSIÇÃO “RELICÁRIOS” DE CABRITA DO CARMO



Foi inaugurada no dia 7, Dia do Município, a exposição do Arqtº. Joaquim Cabrita do Carmo, no Club Farense, em Faro.

Referindo-se às suas peças o artista diz: “Caixas, objetos em que se guardam memórias atuais ou passadas são relicários profanos da vida de quem os concebe. Tal como em Joseph Cornell estas caixas celebram a complexa conglomeração das coisas vulgares e invulgares: recordações artísticas, nostalgias e bricabraque. Cada caixa é uma metáfora poética da memória, na qual as reminiscências submersas se cruzam com as projeções atuais.”

Esta exposição, integrada nas comemoração do 7 de setembro, ficará aberta ao público até ao final do mês.